

"Tendo em vista o que este país nos proporcionou, não trocava por nada os tempos difíceis por que passei quando era criança aqui nos Estados Unidos"

- diz Rita Gomes que nasceu em Newark nos anos 20 e viu crescer durante décadas a comunidade do Ironbound

Por Maria do Carmo Pereira

(Luso-Americano)

Entre 1911 e 1920, fixaram-se nos Estados Unidos 89.732 portugueses e na década seguinte mais 29.994 cidadãos de Portugal.

Entre eles, António Antunes, um beirão de Juncais (Celorico da Beira), que chegou a Elizabeth em 1919, e Ana de Olival Antunes, uma beiroa da vizinha Jejua (hoje, Vila Boa do Mondego) que desembarcou no mesmo estado em 1921 com a sua filha de 4 anos Natália. Aqui nasceram já os seus filhos August, Rita e Jerome.

Pela mesma altura (1920), depois de terem casado no Brasil, chegavam a Newark José Bento Gomes, um minhoto natural de Âncora e a espanhola Amélia Baptista Gomes. Aqui nasceriam os seus filhos Diamantino e Donald Gomes.

Estas duas famílias cruzariam os seus destinos quando Rita Antunes e Diamantino Gomes se conheceram.

"Conheci o meu futuro marido Diamantino Gomes quando tinha 13 anos, eu estava empoleirada numa árvore, e foi amor à primeira vista" - conta Rita Gomes, hoje residente em Springfield, e que é testemunha vivencial não só dos primeiros passos empresariais da comunidade portuguesa a partir dos anos 40 como também da passagem da comunidade para o campo profissional nas décadas seguintes.

São seus filhos Danny Gomes e os advogados Diane e Richard Gomes.

O advogado Richard Gomes tornou-se em 1944 o primeiro juiz municipal luso-americano em New Jersey, quando foi nomeado para o tribunal municipal de Newark.

Vestido de noiva em tecido de paraquedas

"O Diamantino gostava muito de mim mas só começámos a namorar em 1942, quando tinha 18 anos. Éramos amigos, e costumávamos dançar nas festas, mas ele nem sequer era o meu par favorito para dançar", confidenciou entre sorrisos. "Casamos em 1945, na igreja espanhola de Elizabeth, pois na altura ainda não havia igreja portuguesa, e a nossa recepção teve lugar na agora extinta Associação Fraternal, que se situava na Walnut Street em Newark, e de que era o primeiro presidente o meu sogro José Bento

Gomes".

O vestido de noiva foi feito de um tecido que não surge nos catálogos.

"Eu e a minha irmã frequentávamos aulas de costura e perguntámos à professora se seria possível fazer o meu vestido de casamento a partir do tecido de um pára-quedas" - disse Rita Gomes, cujo namorado se alistara nos paraquedistas em plena segunda guerra mundial. "Ela disse que sim e prontificou-se logo para a tarefa, acabando por não me cobrar dinheiro pelo trabalho e colocando uma nota de \$5 dentro da minha bolsinha de noivado. Naquele tempo cinco dólares era um montante bastante considerável".

Tempos difíceis

"Tendo em vista o que este país nos proporcionou, não trocava por nada os tempos difíceis por que passei quando era criança aqui nos Estados Unidos", disse ao Luso-Americano Rita Antunes Gomes, como que a preparar a narrativa que iria fazer da saga das famílias Antunes e Gomes desde terras beirãs e minhotas até às terras do Tio Sam.

"Na altura em que os meus pais vieram não conheciam ninguém aqui que os pudesse apoiar. Eram tempos muito difíceis para toda a gente, sobretudo para as mulheres, que tinham que se valer das outras mulheres que já cá viviam, mas que, vendo bem as coisas, se encontravam na mesma situação. Na altura em que os meus pais vieram já havia na área de Elizabeth alguns homens portugueses, sobretudo minhotos. Havia duas casas de dormidas (boarding houses) onde os homens que aqui se encontravam sozinhos viviam, e a minha mãe quando para aqui veio começou a fazer-lhes o pequeno almoço e o almoço, a troco de um determinado montante. Foi assim que a minha mãe começou a ganhar algum dinheiro quando aqui chegou".

Uma casa e, sempre, uns centimos para gelados

Anos mais tarde, em 1942, com as economias dos pais e um empréstimo familiar, e ainda a ajuda de três filhos já a trabalhar, a família Antunes comprou a que seria a sua primeira casa na América, um marco que Rita Gomes assinala na história da família. Era o sonho americano a concretizar-se. Não esquece, contudo, as dificuldades que marcavam a época desde o fim dos anos 20, quando à derrocada da Bolsa em 1929 se seguiu uma depressão económica que adquiriu proporções mundiais.

"Durante a depressão os tempos foram muito difíceis para muita gente, mas sempre me lembro que nós não sentimos muito, e eu, talvez por ter

sempre uma atitude muito positiva, devo confessar que, para poder chegar onde chegamos, voltaria a essa época sem olhar para trás. Claro está que os nossos sapatos estavam gastos, e usávamos muitas roupas em segunda mão, mas não me lembro de passarmos mal. A minha mãe nunca se privava de nos dar frequentemente dinheiro para comprarmos gelados, que na altura custavam três centimos. Aos fins de semana também podíamos sempre contar com 10 centimos para irmos ao cinema. Estamos a falar de 1935, quando eu tinha apenas 11 anos", continua Rita Gomes.

"Aos domingos íamos sempre à missa, na altura uma igreja espanhola porque ainda não existia a portuguesa, e lembro-me do padre dar a todas as crianças 10 centimos, para irem ao cinema. Eu acho que ele não queria que pensássemos que era uma esmola, e dizia que era para irmos ao cinema".

"Durante a depressão, o meu pai passou tempos muito difíceis. Nessa altura, era presidente Franklin Roosevelt, o presidente que eu acho que salvou os pobres. Criou a WPA (Works Progress Administration), o programa maior e mais importante do New Deal, um programa de empregos maciço lançado em 1935, pelo qual os homens obtinham trabalhos na construção de estradas, por exemplo".

"Nas escolas, quando eu era criança, não havia as regalias que existem hoje, como por exemplo aulas bilíngues. Quando íamos para a escola entrávamos directamente no inglês, e cada um tinha que se desvencilhar. E como os tempos eram difíceis, todas as crianças, sem excepção, tinham direito a 4 onças de leite por dia, e se eu gostava disso", recorda Rita Gomes com certa nostalgia.

Por estranho que pareça, as mulheres tinham mais facilidade em encontrar trabalho que os homens, pois iam trabalhar sobretudo para fábricas de costura, embora auferindo muito menos do que os homens.

As condições de habitação também estavam longe das de hoje, como lembra Rita Gomes:

"Um dos aspectos que gosto de relembrar quando falo dos meus tempos de criança era o facto de não termos água quente — e muita sorte era termos água canalizada naquela altura — de modo que tínhamos de arranjar carvão para alimentar o fogo que a aquecia. No Inverno, a minha mãe chegava a levantar-se de noite para colocar mais carvão e não deixar morrer o 'aquecimento' da casa".

"Quando éramos miúdos, costumávamos descer junto da linha do caminho-de-ferro e apanhar carvão que se en-

contrava no chão. Junto da casa onde vivíamos em Elizabeth passava o caminho-de-ferro e eu penso que o homem que alimentava a caldeira do comboio tinha pena e atirava pedaços de carvão para aquele sítio, porque sabia que a pequenada iria lá recolhê-lo. Mas havia mais gente a fazê-lo. Naquele altura, praticamente toda a gente se encontrava na mesma situação de modo que havia muita gente a tirar partido da situação".

Um pai mimado

Para além das dificuldades naturais dos tempos, Rita Gomes considera que o seu pai António Antunes também não tinha propriamente o perfil de um imigrante tradicional.

"O meu pai era um rapaz, como se diz na gíria, 'estragado'. Era o único varão, e tinha três irmãs, que lhe faziam tudo. A mãe provinha de uma família com dinheiro, e foi casada três vezes, duas delas com dois irmãos. Um desses irmãos era professor universitário e aparentemente acumulou uma riqueza considerável. O meu pai, quando ainda era um moço, viajou bastante no estrangeiro, inclusivamente chegou a ir ao Brasil, e desconheço as razões porque veio para os Estados Unidos. Ele fazia muito o que queria, e eu penso que a sua vinda para este país teria algo a ver com satisfazer a sua vontade, e porque apesar de todas as dificuldades por que tinha de passar este era o país das oportunidades onde poderia ter uma vida melhor. E acho que nunca se arrependeu".

"Lembro-me bem que já naquela altura, o meu pai tinha o seu próprio ferro de fazer caracóis e encaracolar o bigode, e quando ia ao barbeiro levava o seu próprio estojo e apetrechos de barbear. Era um homem bastante viajado e vinha habituado a certos miúdos".

A II Guerra melhorou a economia

Quando a II Guerra rebentou, apesar de não ser pelos motivos mais felizes, a vida das pessoas melhorou substancialmente. Toda a gente tinha facilidade em arranjar emprego, os salários subiram, enfim, a economia explodiu. A fábrica Singer, por exemplo, deixou de produzir máquinas de costura para produzir componentes para maquinaria de guerra.

Isso refelectia-se também na vida social comunitária.

A vida social era feita ao redor do Club Social Português, em Elizabeth, que era o núcleo onde a comunidade portuguesa de então se reunia. As famílias e os jovens confraternizavam no clube, quer fossem bailes, quer a jogar bowling ou simplesmente



Rita Gomes e o irmão August no dia da primeira comunhão

a conversar.

"Éramos sócios do clube de Elizabeth, e todos os fins de semana íamos aos bailes que lá se organizavam. Era sempre muito interessante pois tínhamos sempre conjuntos musicais para animar os bailes. Havia um John Cerqueira que tocava guitarra, e um outro de que não me recordo agora o nome, e eles é que acompanhavam as pes-

soas que cantavam em palco. Nessa altura havia também três irmãs de apelido Cunha que eram, digamos, mais profissionais, e cada uma delas cantava o seu estilo de música. Uma interpretava tango, outra fado e outra temas mais alegres. E assim passávamos os nossos fins de semana, ao redor do clube ou em piqueniques".

Os filhos dos imigrantes constituíam entretanto um novo estrato na comunidade portuguesa.

A nova geração

Os pais imigrantes hesitavam entre a escolaridade dos filhos e a necessidade de suplementar o orçamento familiar com o seu trabalho.

Rita Gomes considera-se afortunada neste campo:

"Eu fui mais afortunada, e a primeira na minha família a terminar o liceu sem ter de interromper os estudos para ir trabalhar. Lembro-me de no liceu haver apenas três raparigas portuguesas, pois o normal era começarem logo a trabalhar".

O serviço militar exigido pela guerra era uma outra escola para a vida.

"Quando ainda era solteira eu trabalhava como empregada de 'payroll' na Singer e o meu marido, que na altura trabalhava part-time e frequentava o Newark College of Engineering, acabou por se alistar na tropa. Cumpriu o serviço militar na Força Aérea, mais propriamente nos Páraquedistas, e passou praticamente os anos da guerra a fazer serviço na Europa. Os aviões em que ele viajava transportavam tropas e mantimentos que eram largados de pára-quedas".

"O meu irmão August, enquanto esteve no serviço militar aprendeu a trabalhar em mecanismos de relojoaria e chegou a montar uma joalheria, mas foi no ramo dos contadores de gás, e apetrechos que regulavam os fogões em restaurantes, sobretudo as válvulas de segurança, que ele singrou na vida e se tornou um multimilionário. Ele, que começou por trabalhar num galinheiro, foi o que financeiramente falando ficou melhor na vida".

A vida empresarial

A família Gomes foi também uma das pioneiras na vida empresarial da comunidade.

Para além da joalheria de August Antunes no estado de Ohio, estariam outras iniciativas a decorrer ou para surgir no estado de New Jersey.

"Neste empreendimento, José César - que vendera o Ibéria a João Anastácio - perguntou ao meu marido se queria entrar com ele na sociedade de um liquor store, o que veio a acontecer. Com a ajuda dos meus sogros e cunhados, que emprestaram dinheiro, compramos o Roseville Liquors na Park Avenue, no bairro norte de Newark. Mais tarde, João Anastácio iria ser sócio do Roseville Liquors connosco até 1961, altura em que o negócio foi vendido.

"O meu cunhado Donald Gomes chegou a ser vice-presidente executivo da companhia Two Guys. Esta companhia foi fundada por dois irmãos judeus em Harrison, NJ, e o meu cunhado foi um dos primeiros empregados desta companhia. Começou a trabalhar a reparar rádios e televisões, uma profissão que tinha aprendido quando esteve no exército, e gradualmente foi subindo até ocupar o cargo de vice-presidente executivo, o máximo que lhe permitiram. Quando a Portuguese-American Scholarship Foundation foi criada em 1967, ele ocupou o primeiro cargo de presidente desta organização, que continua muito activa.

Na década de 60, depois do meu marido vender o negócio de liquor store, também foi trabalhar para o Two Guys, mas no sector de imprensa da companhia. Por essa altura a empresa já tinha crescido muito e aberto outras sucursais, não só em New Jersey como em New York e em Connecticut, e o meu marido trabalhava na sede em Garfield, NJ, a supervisionar o sector de publicidade. Era lá que eram feitos todos os anúncios da rede Two Guys.

Na década de 70, durante uma das maiores vagas de imigração para a América, e enquanto o meu cunhado e o meu marido trabalhavam para o Two Guys, por intermédio deles a companhia deu emprego a muitos portugueses. Eles sempre se orgulharam de poderem ajudar os compatriotas que vinham tentar a sua sorte em terras da América".

Enquanto sócios do Roseville Liquors Store não sobrava muito tempo, mas Rita Gomes soube sempre encontrar tempo que gerassa para os filhos alguma qualidade de vida.

"Nessa altura, eu residia em Elizabeth e já tinha dois filhos, o Richard e o Danny. A Diane ainda não era nascida. Depois do trabalho e de ir buscar os dois filhos à escola, cozinhava o jantar para levar ao meu marido que trabalhava até às 10 horas da noite. Como nessa altura ainda não conduzia e só tínhamos um carro, que o meu marido usava para o serviço, tinha de apanhar o autocarro até à Penn Station em Newark, e depois deslocar-me de "subway" para levar o jantar ao meu marido. Este percurso demorava-me na altura sensivelmente uma hora, mas não havia a confusão de hoje. Ainda arranjava tempo para entrar com os miúdos no Woolworth, que na altura existia em Newark, e comprar-lhes qualquer brinquedo ou guloseima".

E também ainda havia tempo para visitas a Nova Iorque.

"Quando os meus filhos eram pequenos e como o meu marido trabalhava muitas horas por dia, por vezes levava os miúdos no 'ferry-boat' e íamos passar o dia a Nova Iorque.



António Antunes com a filha Rita



Ana de Olival Antunes com a filha Natália



Rita e Dimantino Gomes no dia do casamento. Vestido feito de tecido de paraquedas

Apanhávamos o autocarro, que custava 5¢ e depois o "ferry-boat", que custava outros 5¢ — as crianças não pagavam nada, e passávamos o dia no Battery Park em New York. Era uma boa maneira de tirar as crianças de casa e passar tempo útil com elas".

Visita a Portugal

Rita Gomes, que nasceu em Newark, viveu os tempos difíceis da imigração portuguesa, e só em Abril de 1974 teve oportunidade de visitar em Portugal os locais de onde tinham emigrado os seus pais e sogros.

"O meu irmão August já tinha estado em Portugal em diversas ocasiões, mas a minha irmã Natália, eu e o meu irmão Jerome não. Lembro-me que ficamos instalados no hotel Ritz, em Lisboa, e de lá partimos para a zona da Guarda, à descoberta das nossas raízes. Uma velhota que ainda era

nossa prima levou-nos a visitar o cemitério onde estavam sepultados os nossos antepassados, à igreja paroquial onde nos mostrou a imagem de Santa Eufémia, que a minha irmã tinha mandado dos Estados Unidos alguns anos antes, enfim, revivemos um pouco os meus pais e como teriam sido os seus tempos de infância em terras beirãs antes de as trocarmos pelo solo americano".

Na década de 80 voltaria a

Portugal, mas desta vez para visitar o Minho, de onde era natural a família do marido.

Hoje, com os filhos criados e com memórias positivas da vida dos seus antepassados, Rita Gomes repete muitas vezes o desafabo:

"Para obter o que consegui não lamento os tempos difíceis por que passamos quando éramos crianças, aqui nos Estados Unidos".



-4-

Sinais

Idade 31 anos.
 Altura 1,50
 Cabelos 3 pretos
 Sobrolhos 3 pretos
 Olhos 3 pretos
 Nariz 3 regulares
 Bóca 3 regulares
 Cór branca

Sinais particulares

Cicatriz no lado esquerdo
na têmpora
Afey




-5-

Deve sair do país no prazo de trinta dias.

Abonado por António José Antunes

Nome e residência do agente de emigração, -ou de passagem e passaportes, que interceio na obtenção do passaporte Coste Real, de Uelo

Rogo às autoridades administrativas e a todas aquelas a quem pertencer o seu conhecimento não ponham embaraço algum ao portador.

Dado em Luanda
 aos 25 de Maio de 1944
 Luanda e emigrante António José Antunes

Estampilha 40
 Emolumento 134

O Chefe da Repartição
António José Antunes
 O Governador Civil
António Cantelmo

Assinatura do portador,
(António José Antunes)

O passaporte português de Ana de Olival Antunes com a filha Natália